



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
ASSESSORIA DE PESQUISA DE OPINIÃO PÚBLICA

**Estudo Qualitativo Ad hoc – Conjuntura Brasileira
(01/2014)**

RELATÓRIO FINAL

EMPRESA RESPONSÁVEL:



BRASILIA – DF
10/03/2014

Sumário

1	Apresentação	3
2	Escopo da Pesquisa.....	5
3	Métodos e Técnicas de Pesquisa.....	7
4	Detalhamento do Roteiro de Pesquisa	9
5	Detalhamento do Plano de Recrutamento	10
6	Detalhamento dos Procedimentos Adotados nos Trabalhos de Campo	11
7	Análise dos Resultados da Pesquisa	12
8	Conclusões / Considerações Finais.....	34
9	Recomendações	35
	Anexo I – Roteiro.....	36
	Anexo II – Cronograma e Perfil – DG's	39

1 Apresentação

1.1 Base Legal

De acordo com a legislação brasileira em vigor (Lei nº 10.683/2003, art. 2ºB, III), a Secretaria de Comunicação Social (SECOM) tem entre suas missões institucionais a atribuição de organizar e desenvolver um sistema de informação e pesquisa de opinião pública, cujos principais objetivos devem ser monitorar as demandas da sociedade por políticas e serviços públicos bem como a avaliação que a sociedade faz dessa oferta de políticas e serviços públicos.

Nesse sentido, o Decreto nº 6.555/2008 sugere alguns objetivos para esse sistema de informação e pesquisa de opinião pública. Com base nos incisos I, II e IV do artigo 1º e nos incisos VIII e XI do artigo 2º do referido decreto, podem ser indicados como objetivos do sistema de informação e pesquisa de opinião pública a realização de atividades destinadas a:

- I. Avaliar o conhecimento da sociedade sobre políticas e programas federais;
- II. Avaliar o conhecimento do cidadão sobre direitos e serviços colocados à sua disposição;
- III. Identificar assuntos de interesse público que orientem o conteúdo das informações a serem disseminadas;
- IV. Avaliar a adequação de mensagens, linguagens e canais aos diferentes segmentos de público;
- V. Avaliar a eficiência e racionalidade na aplicação dos recursos públicos.

No campo da avaliação de programas e ações governamentais, a pesquisa de opinião pública é uma forma amplamente aceita de conhecer como os cidadãos percebem os efeitos das políticas públicas em suas vidas. Além disso, oferece aos tomadores de decisão subsídios importantes para sua atuação e permite fazer com que as ações governamentais sejam responsivas às prioridades e expectativas da população.

Por isso, a SECOM realiza uma série de levantamentos e análises que objetivam compreender a percepção da população sobre as ações governamentais e, por conseguinte, contribuir para a tomada de decisão no âmbito do Governo Federal e, principalmente, para o planejamento das ações de formulação e articulação das iniciativas de comunicação do Poder Executivo Federal.

Essas pesquisas constituem importante instrumento de gestão e maximização de recursos, pois, ao aplicarem métodos e técnicas cientificamente válidas, permitem a construção de parâmetros para campanhas de comunicação institucional e de utilidade pública com foco e meios mais precisos, proporcionando assim a realização de resultados mais tangíveis e maior efetividade em relação aos objetivos propostos na política pública de comunicação.

Além disso, as pesquisas realizadas pela SECOM oferecem um canal adicional de manifestação cidadã, pois oferecem à população a oportunidade de se expressar sobre o desempenho do Poder Executivo e sobre suas demandas mais prementes, o que confere uma aplicação vertical da noção de prestação de contas política (accountability), essencial ao funcionamento da democracia.

A Legislação pertinente e informações adicionais podem ser consultadas na página da SECOM na Internet: www.secom.gov.br.

1.2 Contrato da Pesquisa

Contrato nº 001/2013.

1.3 Ordem de Serviço da Pesquisa

Ordem de serviço 003/2014.

2 Escopo da Pesquisa

2.1 *Contexto*

Este projeto destina-se a debater questões associadas à conjuntura socioeconômica do país, fazendo uma leitura ampla das percepções e atitudes dos participantes quanto à situação atual do Brasil. Essa iniciativa insere-se nos esforços da SECOM de verificar como a população percebe e avalia a realidade experimentada pelos cidadãos e sua relação com as políticas públicas implementadas pelo Estado Brasileiro, avaliando, inclusive, o grau de associação estabelecido pelas pessoas entre as ações públicas e o nível de bem estar e qualidade vida experimentado por elas.

Além de contribuir para construir um importante diagnóstico sobre como o cidadão enxerga sua realidade e a realidade de seus semelhantes, esse trabalho deve ser capaz de identificar as expectativas da população quanto ao papel do governo em suas vidas – em outras palavras, o trabalho de campo deve não apenas ser capaz de apontar como os participantes leem sua realidade e como percebem a situação do país, mas, também, identificar como os participantes correlacionam esses fatos com a atuação dos governos, em especial, do Governo Federal.

Esta pesquisa qualitativa deverá também, na medida do possível, avaliar como os cidadãos enxergam as políticas públicas em áreas que, nas recentes pesquisas quantitativas, são apontadas como prioritárias pela população, a saber: saúde, segurança, educação e economia.

Este projeto de pesquisa, portanto, lança um olhar amplo sobre parcela significativa da população para verificar o que ela pensa, quais são suas expectativas em relação às questões públicas centrais e que grau de associação existente entre políticas públicas e o bem estar da população. Assim, o trabalho de campo deve, com base nas opiniões e expectativas dos participantes, construir perfis claramente definidos para que, dessa forma, o governo seja capaz de dialogar com os diferentes públicos, por meio de suas ações de comunicação, contribuindo para o aperfeiçoamento da política pública de comunicação.

2.2 *Indicador de referência*

Para elaboração do planejamento e condução deste bloco, o instituto responsável deverá ter como referência os indicadores gerais usualmente utilizados em pesquisas de opinião pública, tais como:

- Avaliação de governo;
- Principais problemas vividos pelos brasileiros;
- Avaliação das políticas públicas nas áreas de saúde, educação, segurança;
- Avaliação dinâmica da inflação, do desemprego e do poder de compra dos salários;

- Avaliação da situação econômica pessoal presente, passada (comparativo) e futura (perspectiva);
- Avaliação da situação econômica do país presente, passada (comparativo) e futura (perspectiva).

2.3 *Objetivo Geral*

Avaliar a percepção da população em relação à atual conjuntura socioeconômica do país.

2.4 *Objetivos Específicos*

- Conhecer como a população percebe a realidade vivida pelos brasileiros;
- Construir perfis de público a partir das opiniões e expectativas vigentes na sociedade acerca da conjuntura social e econômica;
- Verificar a avaliação da população quanto ao desempenho do Estado na prestação de serviços públicos prioritários;
- Levantar as expectativas dos participantes em relação ao futuro socioeconômico do país.
- Verificar o grau de associação existente entre as ações públicas o nível de bem estar da população.

2.5 *Público Alvo*

- Pessoas com mais de 18 anos;
- Ambos os sexos;
- Classes econômicas (ABCDE);
- Localidades: São Paulo, Salvador, Porto Alegre e Belo Horizonte.

3 Métodos e Técnicas de Pesquisa

3.1 Técnicas de Pesquisa

Pesquisa Qualitativa com grupos de discussão.

Os grupos de discussão, mediados por um especialista, buscam estimular a livre manifestação associativa e a troca de opiniões de indivíduos que apresentam características relativamente homogêneas. O objetivo central do grupo focal é identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto.

3.1. Tipo de Pesquisa	Qualitativa de discussão em grupo
3.2. Tipo de Coleta	Sala de espelho com gravação de imagem e áudio
3.3. Período de Execução	10 a 20 de fevereiro de 2014
3.4. Processo de recrutamento	Lista telefônica e ponto de fluxo

3.2 Plano Amostral

O desenho metodológico da pesquisa foi o seguinte:

Realização de 16 grupos focais distribuídos em quatro capitais brasileiras com cerca de 8 a 9 participantes de perfis similares e orientados por um moderador (a) seguindo um roteiro não diretivo previamente discutido e aprovado pelo cliente.

		CLASSE	IDADE	AVALIAÇÃO DO GOVERNO	nº GRUPOS
SUDESTE	SÃO PAULO	AB1	18 a 26	ÓTIMO/BOM	1
		AB1	35 a 50	REGULAR	1
		CD	18 a 26	RUIM/PÉSSIMO	1
		CD	35 a 50	ÓTIMO/BOM	1
	BELO HORIZONTE	AB1	18 a 26	REGULAR	1
		AB1	35 a 50	RUIM/PÉSSIMO	1
		CD	18 a 26	ÓTIMO/BOM	1
		CD	35 a 50	REGULAR	1
SUL	PORTO ALEGRE	AB1	18 a 26	RUIM/PÉSSIMO	1
		AB1	35 a 50	ÓTIMO/BOM	1
		CD	18 a 26	REGULAR	1
		CD	35 a 50	RUIM/PÉSSIMO	1
NORDESTE	SALVADOR	AB1	18 a 26	ÓTIMO/BOM	1
		AB1	35 a 50	REGULAR	1
		CD	18 a 26	RUIM/PÉSSIMO	1
		CD	35 a 50	ÓTIMO/BOM	1

O perfil dos grupos focais (ou DGs, ou discussões em grupo) justifica-se pelo objetivo de fazer variar ao máximo a variável dependente. O desenho metodológico correto de qualquer pesquisa é o que assegura que a variável dependente não seja truncada nos valores que ela possa vir a assumir. O nosso planejamento assegura que este desenho seja obtido, pois a avaliação do governo funciona como proxy da avaliação da conjuntura

socioeconômica. Isso ocorre porque as pessoas tendem a atribuir ao governo a responsabilidade por uma situação socioeconômica desfavorável ou o mérito por uma situação favorável.

A composição dos grupos também considerou as variáveis classificação socioeconômica e faixa etária para controlar a avaliação que as pessoas fazem do governo por classe e idade.

4 Detalhamento do Roteiro de Pesquisa

O roteiro de pesquisa foi elaborado pela equipe técnica do Instituto Análise em diálogo com os representantes da SECOM para troca de conhecimento e experiências. Buscou-se desenvolver um roteiro que pudesse responder às questões levantadas durante a descrição do problema.

O roteiro foi preparado a partir de uma lista de questões a serem respondidas, as quais foram organizadas em grupos de tópicos e ordenadas em uma sequência lógica, conforme apresentado a seguir:

- Introdução: apresentação do (a) moderador (a) e dos participantes e explicação da dinâmica;
- Conjuntura Socioeconômica atual: opiniões e expectativas vigentes acerca da conjuntura social e econômica;
- História recente do país: percepção sobre a realidade vivida pelos brasileiros; mudanças que ocorreram na vida e no país nos últimos anos; grau de associação existente entre as ações públicas o nível de bem estar da população;
- O futuro do país: expectativas em relação ao futuro socioeconômico do país.

As primeiras versões do roteiro foram apresentadas pela equipe da SECOM, depois de discutidas internamente com os setores interessados. O teste para a aprovação do roteiro se deu no primeiro grupo de discussão e esse teste avaliou:

- Compreensão técnica;
- Tempo necessário para aplicação;
- Adequação das perguntas/ provocações.

O roteiro mostrou-se adequado aos objetivos pretendidos pela pesquisa.

5 Detalhamento do Plano de Recrutamento

O recrutamento dos grupos de discussão foi realizado mediante aplicação de um questionário estruturado contendo os filtros da pesquisa. Não foram recrutadas pessoas que participaram de pesquisa qualitativa no último ano, assim como pessoas que trabalhavam em atividades relacionadas com pesquisa e dinâmicas de grupo, tais como: marketing, sociologia, psicologia, trabalho em agências de publicidade e propaganda, área de comunicação e consideradas formadores de opinião, dentre outras. Além disso, por se tratar de uma pesquisa para o Governo Federal, também não foram recrutados funcionários/servidores públicos ocupantes de cargos administrativos e/ou de confiança de nenhuma esfera de governo.

Foram utilizadas duas técnicas no recrutamento: 1) Telefônica utilizando lista da região e 2) Pessoal em pontos de fluxo das cidades de São Paulo, Salvador, Porto Alegre e Belo Horizonte com equipes de profissionais experientes e qualificados.

Foram recrutados 12 participantes em cada grupo a fim de garantir a presença de no mínimo 8 pesquisados por discussão.

Em alguns casos, para balancear o perfil dos grupos, dispensas foram realizadas.

5.1 Definição dos Participantes da Pesquisa

O universo de estudo e composição dos grupos de discussão foram descritos no Briefing e confirmados no projeto de pesquisa apresentado à SECOM que requeria um mínimo de 16 grupos de discussão.

Tabela 1 – Distribuição do total de grupos por região e classificação socioeconômica

Região	Grupos	Classe AB1	Classe CD	Perfil
Sudeste	8	4	4	Grupos mistos de 18 a 26 anos Grupos mistos de 35 a 50 anos
Sul	4	2	2	
Nordeste	4	2	2	
Brasil	16	8	8	

6 Detalhamento dos Procedimentos Adotados nos Trabalhos de Campo

Os trabalhos de campo deram início após a aprovação do roteiro e perfil dos entrevistados.

6.1 Estrutura de Campo e Equipe Técnica

Profissional	Função	Perfil	Quantidade
Recrutador	Recrutar os participantes.	Profissionais com conhecimento, experiência, sensibilidade e critério.	8
Coordenador de campo	Realizar treinamento e supervisionar todo o trabalho de campo.		2
Verificador	Avaliar meta de produção e checagem do perfil dos participantes. Fazer o CRQ – Controle de Qualidade no Recrutamento junto a ABEP.		2

6.2 Conclusões dos Trabalhos de Campo

A logística do projeto levou em consideração equipes de recrutadores e supervisores locais acompanhados por um supervisor do Instituto Análise para garantir que a metodologia da pesquisa fosse aplicada uniformemente em todas as cidades.

O processo de recrutamento e seleção dos entrevistados foi um processo cuidadoso e rigoroso.

Para garantir a qualidade do recrutamento, antes da realização dos grupos foram adotados os seguintes procedimentos:

- Consulta do participante no CRQ – Controle de Qualidade no Recrutamento;
- Conferência do documento de identidade original com foto (RG, Carteira Nacional de Habilitação) do participante;
- Logo após a realização dos grupos, as informações do CRQ foram completadas, assim como o *status* de participação do candidato.

No dia da realização dos grupos, os participantes passaram por uma nova checagem dos filtros para confirmação do perfil.

O processo de recrutamento transcorreu sem prejuízo ao objetivo final da pesquisa.

7 Análise dos Resultados da Pesquisa

7.1 Conjuntura Socioeconômica

A pesquisa mostra que, de maneira geral, a parcela de entrevistados que tende a aprovar as ações da atual Administração Federal (“ótimo/bom”) afirma que, viver no Brasil, nos últimos anos, está um pouco melhor. Atribui-se, de forma genérica, a conquista dessa condição ao governo antecessor que, dentre outras medidas, teria iniciado a estruturação de diversas áreas do país, ganhado visibilidade mundial, aumentado os investimentos, e fortalecido o turismo. Ações como essas geraram desenvolvimento para o Brasil, o que possibilitou, aos poucos, uma melhor qualidade de vida ao cidadão brasileiro.

Segundo os entrevistados desse perfil, a atual gestão do Governo Federal reflete uma sensação de continuidade das conquistas alcançadas até este momento.

“A minha vida está ótima! Eu conquistei meus eletrodomésticos, reformei meu apartamento, o cartão Bolsa Família do meu filho, que fiz a inscrição e nem sabia que ia ter, chegou.” (SP, ótimo/bom, 35 a 50, CD).

Em contrapartida, nos grupos que avaliam de forma neutra (“regular”) ou negativa (“ruim/péssimo”) o Governo Federal, a insatisfação fica evidente. Nesses perfis, as discussões são mais carregadas de críticas, havendo dificuldade em apontar aspectos positivos, seja no que concerne ao momento atual do Brasil, sejam quanto às suas próprias vidas.

Para este grupo, a condição atual é atribuída, em termos gerais, à má administração em todas as instâncias governamentais, que envolveria desvios de verbas e emprego inadequado dos impostos arrecadados. Os entrevistados desses grupos sempre esperam mais dos novos governos, como o cumprimento de promessas e a finalização de obras inacabadas. Sentem-se de certa forma frustrados com as atuais gestões, embora não seja prática desse perfil nutrir expectativas favoráveis: *“troca candidatos e continua tudo a mesma coisa”*.

Ao avaliar pontualmente as áreas de incumbência do poder público, os participantes têm mais dificuldade para atribuir as respectivas responsabilidades pelos avanços ou pela estagnação. É comum haver confusão entre os Governos Municipal, Estadual e Federal. Além disso, consideram as diversas instâncias da administração pública muito desarticuladas.

No decorrer da discussão a maioria tende a considerar que todas as ações, boas ou ruins, são praticadas de forma conjunta e dependem dessas três esferas, uma vez que “ninguém faz nada sozinho”. No entanto, pontualmente, algumas questões são mais claras: falar de programas sociais, por exemplo, é falar do Governo Federal.

“Eu acho que não adianta o estado querer fazer alguma coisa se não liberarem verba. Eu acho que é um conjunto. Não é: - ‘Ah, o governo deles que se vira’.” (SP, ruim/péssimo, 18 a 26, CD).

Houve **bastante consistência entre os entrevistados, independente das praças e dos perfis**, tanto no que se refere às áreas de maiores avanços do país, quanto em relação aos aspectos mais frágeis e críticos.

Os **principais avanços** citados são:

- A crescente oferta de emprego.
- O aumento do poder aquisitivo dos estratos mais pobres.
- Programas Sociais.

Já as **principais críticas** mencionadas são:

- Aumento da inflação e diminuição dos salários.
- Saúde.
- Segurança pública e violência.
- Educação.
- Transporte público.
- Copa do Mundo.
- Outras críticas recorrentes.

As percepções variam sensivelmente de acordo com o perfil: os que aprovam a atuação do Governo Federal tendem a ter uma visão mais otimista do seu panorama de vida e das suas perspectivas em relação ao futuro do país. No entanto, o discurso desses entrevistados também é bastante criterioso e comungam de algumas opiniões semelhantes às dos participantes menos favoráveis ao governo: o país está parado – ou avançando a passos lentos – e há muito que se fazer para reverter a insatisfação e melhorar a qualidade de vida do cidadão.

7.1.1 Principais avanços

7.1.1.1 Oferta de empregos

A **crescente oferta de emprego** é o aspecto de maior destaque quando o assunto é melhorias na vida do brasileiro. Esta é uma percepção generalizada entre os entrevistados, que afirmam tratar-se de um grande e importante avanço do país. Eles percebem que isso se reflete em maior poder de compra das classes menos favorecidas e, conseqüentemente, em sua ascensão social, o que aumenta a satisfação pessoal.

Alguns avanços apontados expressam questões regionais. Nos grupos de Salvador, a conquista das fábricas da Ford e da Pirelli é exemplificada como melhoria para o estado da Bahia.

Já nos grupos de Porto Alegre, há elogios à obrigatoriedade de frequência nos cursos de capacitação oferecidos no âmbito do PRONATEC para os profissionais que estão recebendo seguro desemprego. Os gaúchos aprovam a iniciativa, pois possibilita o desenvolvimento de habilidades, evitando abusos daqueles que ficam pouco tempo no mesmo emprego somente para receber o seguro. Porém, queixam-se de que os cursos oferecidos são somente para nível básico.

Ainda sobre a **questão do emprego**, são feitas as seguintes considerações:

- Embora haja mais ofertas, a concorrência é grande.
- As empresas estão cada vez mais exigentes em termos de qualificação acadêmica e profissional, inclusive quando se trata de estágio e primeiro emprego.
- Por outro lado, há muita demanda para profissões que exigem baixa qualificação como pedreiros – mercado da construção civil crescente –, serventes e assistentes de cozinha.
- Há menos oportunidades oferecidas aos mais jovens.
- Falta avanço em termos salariais: a remuneração é baixa. Muitos se sentem explorados.
- Queixam-se da informalidade ainda grande do mercado de trabalho e da crescente terceirização, fatores que achatam o salário dos profissionais.
- Havendo mais ofertas, as pessoas também estão mais exigentes: não se candidatam ou se submetem a qualquer emprego.

“Eu não vou sair de casa para ganhar um salário e trabalhar de 8h as 17h. Eu vou cuidar da minha família. Quando eu veria minha filha?” (SP, 18 a 26, ruim/péssimo, CD).

“Na parte que estão falando de emprego, na verdade tem bastante, só que a qualificação que está difícil. As empresas estão exigindo bastante.” (SP, 18 a 26, ruim/péssimo, CD).

“Às vezes é difícil e é muito concorrido... É muito difícil para a pessoa que acabou de estudar, que acabou de se formar, arrumar um emprego que vale a pena.” (SP, ótimo/bom, 18 a 26, AB1).

“Existem oportunidades, mas exigem qualificação e a concorrência é muito grande.” (POA, ótimo/bom, 35 a 50, AB1).

“O salário é baixo, estou ganhando pouco. Vai passando, chega no final do mês e o salário é só para pagar dívidas.” (SP, ótimo/bom, 35 a 50, CD).

“Não falta emprego para quem quer ser servente de obra. Mas o problema é que ninguém está mais querendo trabalhar com isso.” (BH, regular, 18 a 26, AB1).

7.1.1.2 Aumento do poder de compra

Outro aspecto em que se percebeu avanço foi o **poder de compra**, que, na visão dos participantes, aumentou nos estratos sociais mais pobres. As referências mais evidentes foram feitas para as regiões Norte e Nordeste. Mencionou-se que muitos deixaram a linha da miséria e outros tiveram acesso a bens de consumo antes distantes de sua realidade. Além da geração de empregos, a conquista é atribuída aos programas sociais do Governo Federal e à facilidade de crédito (empréstimos, cartão de crédito, parcelamentos). Cumpre registrar que, apesar de o problema ter diminuído sensivelmente, ainda é grande a sensação de que existe desigualdade social no país.

A aquisição da casa própria, de eletroeletrônicos e bem duráveis em geral, além do maior acesso a plano de saúde nas classes CD, são as exemplos mais evidentes deste panorama. Na mesma direção, os mais pobres percebem sua ascensão na escala social.

“Antes eu morava na favela. Agora eu consegui sair de lá e construir minha casa”. (SP, ótimo/bom, 35 a 50, CD).

O outro lado da melhoria do poder aquisitivo é a sensação, entre todos os perfis entrevistados, de que a **inflação** está aumentando. Há muita queixa de elevação de preço dos bens de consumo não duráveis e de aumento do custo de vida. Também assombra os entrevistados a possibilidade de se endividar, diante da facilidade para se conseguir crédito, e por conta do forte incentivo ao consumo.

“Eu quero comprar uma televisão? Tenho facilidade pra comprar. Tenho juros? Tenho, mas também tenho uma facilidade maior. Se quero um cartão de crédito também tenho uma facilidade para ter. Antes, para conseguir algo, tinha que trabalhar muitos anos.” (SP, 18 a 26, ruim/péssimo, CD).

“Eu vejo que as classes mais baixas meio que se juntaram, mas os ricos nunca deixam de ser ricos.” (POA, ótimo/bom, 35 a 50, AB1).

“Nesse ponto, na parte de poder de compra, está mais justo. Você compra moto, barraca, porque antigamente, para um pobre ter um telefone era difícil, hoje em dia você consegue.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

“É um país com menos pobreza. Você não vê ninguém paupérrimo, sem condições de ter o que comer.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

“O Brasil está melhor. O povo no Nordeste e não só em São Paulo. Lá no Norte todo mundo tem casa, tem carro. Antigamente não via isso.” (SP, ótimo/bom, 35 a 50, AB1).

“Melhorou o poder de compra para os pobres. A redução do imposto ajudou muito, a facilidade de fazer crédito facilitou muito. Hoje em dia

“você não precisa comprovar nada para comprar fiado numa loja de eletrodoméstico. O Governo Federal é que facilitou a redução do IPI.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

“Eu acho que o governo, pela primeira vez, começa a olhar para o coletivo. Eu volto a falar: Mais Médicos, Bolsa Família... São programas que a gente pode criticar, mas pela primeira vez está sendo feito alguma coisa.” (SP, ótimo/bom, 18 a 26, AB1)

“Os preços não deixam de subir, mas a população como um todo ganhou um poder de compra maior que não tinha no passado. Hoje o povo está consumindo produtos que até a um tempo atrás não consumia.” (Salvador, ótimo/bom, 35 a 50, CD).

7.1.1.3 Programas Sociais

Quando se aborda os avanços ocorridos no país, o tema “**Programas Sociais**” surge espontaneamente. Há uma forte percepção de que o governo ajuda as classes menos favorecidas, favorece a transferência de renda e atua para minimizar a desigualdade social. Os principais programas mencionados são Bolsa Família e Minha Casa Minha Vida, bem como as facilidades para acesso à educação superior pelo Prouni, Fies, Sisu e Enem. Há lembranças da maior oferta de cursos técnicos e profissionalizantes, como uma iniciativa que facilita a ascensão social, propiciando melhor qualidade de vida ao cidadão.

“Em questão de acesso à faculdade eu acho que o governo, principalmente para faculdade privada, abriu oportunidades através do FIES. O FIES é realmente um programa muito bom do Governo Federal, principalmente a quem não tem acesso financeiro a uma faculdade, porque faculdade hoje em dia é muito caro. E tem também o PROUNI que ajuda as pessoas a estudarem.” (BH, ótimo/bom, 18 a 26, CD)

É importante registrar que falar de **programas sociais motiva divergência de opiniões**. Tais iniciativas tendem a receber mais aprovação das classes CD – o segmento mais beneficiado – embora parcela dos entrevistados das classes AB também reconheça sua relevância.

Os programas nem sempre são vistos com bons olhos, pois frequentemente os entrevistados mencionam a suposta falta de exigências e de controles mais rígidos por parte do governo. A principal objeção é que, no formato atual, a oferta de “Bolsas” favoreceria a acomodação dos beneficiados, e não os incentivaria a buscarem melhores condições de vida. Também há, em todas as classes e públicos entrevistados, os que consideram que nem sempre os beneficiados sejam, de fato, oriundos da parcela mais necessitada.

Em um tom mais crítico, pontualmente nas classes mais elevadas, especialmente na cidade de Porto Alegre e Belo Horizonte, há os que supõem que os programas sociais sejam formas do Governo Federal ganhar visibilidade e simpatia das classes mais baixas, com o intuito de garantir sua manutenção no poder. Além disso, alguns veem os programas sociais apenas como meio para desvio de verbas públicas.

O Bolsa Família é o ícone dos programas sociais do governo, sendo percebida sua importância para a diminuição da desigualdade social do país. A maioria dos participantes aprova a iniciativa, mas existem ressalvas ao seu formato. Para a parcela dos mais críticos, ele favoreceria a acomodação e não encoraja à busca de emprego. Também estimularia as mães beneficiadas a terem mais filhos. Para esse grupo, deveria estar atrelado não só à presença dos filhos na escola, mas à exigência de participação dos pais em cursos de capacitação.

“Eu acho que tem muita gente que se cadastra sem precisar de verdade, não tem fiscalização. Tem muita mulher que faz quatro, cinco filhos para ter Bolsa Família.” (POA, ótimo/bom, 35 a 50, AB1).

“Quando eu dei minha opinião não quer dizer que sou contra o programa social. Sou contra é dar sem cobrar alguma coisa.” “Eu acho que tem cursos que o governo pode oferecer: - Olha, você ganha o Bolsa Família, mas em contrapartida você vai se especializar.” (SP, regular, 35 a 50, AB1).

“Antigamente o miserável não tinha o que comer e hoje, com o Bolsa Família, ele tem.” (Salvador, regular/péssimo, 35 a 50, AB1).

“Uma coisa que eu acho fantástica foi o Bolsa Família. Isso ajuda demais para quem só recebe um salário mínimo. Começou com o governo passado e o atual continuou, porque poderia ter vetado, mas não vetou.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

O **acesso facilitado ao ensino superior** foi indicado como um dos principais avanços. Programas como **Fies**, **Prouni**, **Sisu** e **Enem** são lembrados e reconhecidos – especialmente nos grupos de jovens – como uma ação eficaz do Governo Federal para incentivar e facilitar às classes menos favorecidas seu ingresso na educação superior.

“Mas hoje em dia tem o Fies... Vai para a faculdade quem quer. Abriu muito o leque.” (SP, ótimo/bom, 35 a 50, CD).

Entretanto, foram feitas ressalvas. Para alguns, funcionaria como um paliativo do governo para corrigir uma injustiça causada pela educação pública de baixa qualidade que impede que alunos deste sistema sejam suficientemente competitivos na disputa por uma vaga nas universidades públicas.

Outros entendem que a estruturação dos cursos de nível superior muitas vezes dificulta conjugar a vida de estudo e trabalho. Há uma sensação de que, embora as empresas exijam cada vez mais capacitação, concluir a educação superior já não é garantia de um bom emprego. Como meio de diferenciação no mercado, participantes das classes AB1 afirmam que agora é necessário partir para a pós-graduação ou até mesmo pensar em qualificação no exterior.

“Cheguei à conclusão que faculdade já virou ensino médio. Eu já estou na metade da faculdade, vou me formar em 2016 e eu já planejo fazer pós. Eu estou pensando em nem fazer a pós no Brasil porque falta muita oportunidade.” (SP, ótimo/bom, 18 a 26, AB1).

De forma pontual, os entrevistados paulistas do segmento AB reconhecem e aprovam ações como as do Senac e Sesi que oferecem cursos profissionalizantes, mas ressaltam que falta divulgação.

“Eu fiz um curso pelo Senac, gratuito, pelo governo. Era o assistente de estilo. Foi um curso com um professor incrível, sendo que eu podia usar toda estrutura do Senac.” (SP, ótimo/bom, 18 a 26, AB1).

No setor habitacional, o Programa **Minha Casa Minha Vida** é amplamente aprovado pelos entrevistados. Elogiado por ter taxas mais acessíveis e ser menos burocrático do que financiamento ou consórcio imobiliário, possibilitou que alguns dos participantes realizassem o sonho da casa própria. Pontualmente, foi lembrada a geração de empregos na área da construção civil, como outro benefício do Programa.

“A habitação melhorou, foi o (Governo) Federal. Minha irmã tem a casa dela, um apartamento, e melhorou de vida.” (Salvador, ótimo/bom, 35 a 50, CD).

“Esse negócio de apartamento, do Minha Casa Minha Vida, foi bom demais. Muitas pessoas saíram da chuva, de barracos para morar melhor.” (BH, ótimo/bom, 18 a 26, CD).

7.1.1.4 Outros avanços pontuais

Na cidade de SP, **cultura, esporte e lazer** são temas mencionados como exemplos de avanços ocorridos. Porém, há considerações diferentes de acordo com o perfil socioeconômico e etário dos entrevistados.

Adultos de classe AB aprovam as ciclovias na cidade e o incentivo ao uso de bicicletas. Elogiam a promoção de atividades esportivas como corridas e academias ao ar livre; os investimentos nos parques da cidade. E mencionam as ofertas de programas culturais gratuitos (música, teatro, exposições, Virada Cultural), exemplificando com as programações do SESC. Afirmam, no entanto, que ainda são mal divulgados e não atingem com eficiência as zonas periféricas da cidade.

Os jovens de classe CD veem a cidade com base na “cultura dos shoppings”, sobressaindo a percepção de que há pouca oferta a esse grupo em termos de lazer. Quanto às iniciativas existentes, entendem serem pouco divulgadas, não chegando até eles a informação necessária. Reclamam também do preço dos ingressos nos estádios de futebol e da violência. De forma positiva, mencionam a Virada Cultural, mas percebem o evento como inseguro, por conta da criminalidade e do uso de drogas.

“Eu vejo a questão da Virada Cultural. Eu não tenho coragem de ir porque falta muita segurança, tem muita droga, tem muito assalto... Fui à exposição do Cazuzo por um programa da minha empresa, Jovem Aprendiz. Não fiquei sabendo por fora. Tem, mas não é divulgado.” (SP, ruim/péssimo, 18 a 26, CD).

Em Belo Horizonte, os entrevistados citaram iniciativas pontuais. O Restaurante Popular porque favorece parcela significativa da população mais pobre. O Programa Jovem

Aprendiz por dar oportunidade de aprendizagem e emprego para o segmento menos favorecido. A oferta de passagens interestaduais gratuitas para os idosos também foi considerada uma ação que minimiza a desigualdade social.

“O Restaurante Popular também é uma beleza. Você almoça e gasta R\$2,00 num almoço legal. Eu almoço lá de vez em quando.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

“Uma coisa que eu achei muito interessante, que eu adorei, foi a passagem interestadual para os idosos, perfeito, dá direito a dois lugares vagos. Achei super bacana.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

7.1.2 Principais críticas

7.1.2.1 Aumento da inflação e diminuição dos salários

Aumento da inflação e diminuição dos salários são queixas que abrem as discussões. Tal percepção é recorrente entre os entrevistados, sendo fator que diminui o impacto positivo dos esforços do governo quanto ao aumento do salário mínimo. Ressalve-se, contudo, que há menor questionamento na classe CD, cujo foco é o aumento do poder aquisitivo. As críticas relacionam-se também à crença de falta de retorno dos valores pagos em impostos, frequentemente pontuados como *“um dos maiores do mundo”*.

É comum compararem o maior acesso aos bens de consumo duráveis com o valor dos bens não duráveis (alimentos, vestuário, transporte público, combustível, medicamentos). Acreditam estarem as contas básicas cada vez mais elevadas e o custo de vida alto. Há a percepção de que sofrem reajustes proporcionais ao aumento do salário mínimo, ficando a sensação de que não há um real aumento salarial, já que a renda não acompanharia a inflação.

“O problema é que quando aumenta o salário mínimo aumenta a inflação também: o arroz, o feijão, o preço do óleo, roupa...” (BH, ótimo/bom, 18 a 26, CD).

Para adultos de meia-idade, com renda alta de São Paulo e Belo Horizonte (35-50 anos, AB1), é mais fácil tecer uma série histórica. Percebem o esfriamento da economia e maior cautela do brasileiro em investir no país, o que atribuem ao excesso de carga tributária que oneraria os pequenos e médios empresários. Reclamam da queda do poder aquisitivo: a renda mensal era mais duradoura do que atualmente e gastos essenciais do passado, como escola particular para os filhos, deixaram de ser prioridade.

Já os jovens de classe social mais elevada (18 a 26 anos, SP, BH e POA) identificam o aumento da inflação e o achatamento de salário pela: dificuldade em se conseguir a primeira oportunidade de emprego com um salário considerado minimamente razoável; elevação do preço do aluguel; pelo excesso de impostos; e pela dificuldade em conquistar um estilo de vida considerado “padrão para a classe” (morar e vestir bem, ter um bom carro).

“Hoje o custo de vida está caro. Antes eu fazia uma compra com 50 reais. Hoje você traz duas sacolinhas. Eu acho que o custo de vida está bem elevado.” “Meu salário não subiu conforme a gasolina, as coisas de supermercado, o plano de saúde.” (POA, ótimo/bom, 35 a 50, AB1).

“A inflação voltou, muita gente acha que não, mas eu acho que ela voltou encoberta, a gente parou de ganhar dinheiro.” “Antes o meu salário rendia.” (BH, ruim/péssimo, 35 a 50, AB1).

“Aumenta o salário mínimo, nesse ano eu acho que aumentou para 700 e pouco. Mas, daí, aumenta tudo!” (SP, 18 a 26, ruim/péssimo, CD).

“O maior problema do povo hoje é salário; porque se você tem salário bom, você tem educação, tem respeito, tem saúde.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

“Os impostos hoje em dia são um absurdo! Tudo muito caro e a gente não vê tanta mudança para tanto dinheiro. Para onde que vai? Tudo que você faz tem que pagar. Você paga milhões de IPTU, de IPVA, de seguros e não tem retorno.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

7.1.2.2 Saúde

A **saúde** também é tema recorrente de queixas. Os entrevistados sentem-se desvalorizados e diminuídos quando precisam recorrer ao setor público. A única exceção ocorreu no grupo das classes CD de Belo Horizonte, em que houve percepção de sensível melhora em alguns aspectos.

As principais queixas giram em torno da percepção de que a população é crescente, mas os investimentos na saúde não acompanham a demanda. Faltaria investir em infraestrutura, construindo mais Postos de Saúde e hospitais, criando mais leitos e contratando médicos especialistas. Veem excesso de burocracia e tempo de espera demasiado para agendar consultas, exames e cirurgias. Os serviços de emergência são demorados, enfrentando-se longas filas. E o atendimento em geral é considerado de má qualidade.

A maior parte dos entrevistados de classes AB1 – e poucos da CD – possui plano de saúde, mas faz críticas aos serviços prestados e aos valores cobrados. Mencionam que a maior facilidade de acesso aos planos sobrecarregou o sistema privado. No entanto, este segmento percebe – por causa de parentes, amigos ou funcionários que fazem uso de hospitais, de postos de saúde ou por informações da mídia – a situação da saúde pública como sendo ainda mais precária.

Alguns grupos citaram exemplos de problemas na área da saúde. Em Porto Alegre, foram feitas críticas ao fato de que o Hospital de Pronto Socorro, por falta de infraestrutura, possa diminuir a quantidade de leitos. Foi dito que o Hospital Presidente Vargas está com o setor de pediatria fechado por falta de médico, e que no Posto de Saúde Cruzeiro e no Hospital da PUC é grande a demora no atendimento. Além disso, afirmou-se que muitos pacientes se deslocam de cidades do interior para receber atendimento na capital, o que

sobrecarregaria a estrutura do sistema público de saúde. Já em Belo Horizonte, houve menções críticas às obras inacabadas do Hospital Metropolitano do Barreiro.

Não obstante as críticas à situação da saúde no país, usuários do setor público das classes C e D reconheceram ações que são positivas. Em São Paulo, houve menções: ao Programa Hora Certa (de agendamento de consultas); aos programas de assistência domiciliar e de entrega de medicamentos em casa para idosos; aos medicamentos de alto custo gratuitos (embora nem sempre estejam disponíveis); e à vacinação infantil. Foi citado que, em casos de emergência e quando conseguem realizar cirurgias, são mais bem atendidos. Também aprovam iniciativas de parceria entre saúde pública e privada que oferecem atendimento em hospitais particulares à população carente de plano de saúde.

“Eu passo no hospital AC Camargo todo ano para fazer exames, (encaminhada) pelo SUS. É uma campanha que fazem todo ano.” (SP, ruim/péssimo, 18 a 26, CD).

Em Porto Alegre, houve citações ao fato de que, em casos de emergência e de realização de cirurgias, o atendimento é mais eficiente. Gaúchos aprovam o fornecimento não só de medicamentos, mas também de material para curativos de pacientes que fazem tratamento de câncer ou que sofreram de AVC.

Já em Belo Horizonte, houve elogios à maior agilidade no atendimento do SUS, de agentes de saúde e para marcação de consultas. A Farmácia Popular e a distribuição de medicamentos também foram mencionadas como aspectos positivos. Mencionam, com satisfação, o recém-construído Hospital do Subúrbio.

“Lá no meu bairro a saúde melhorou bastante, porque agora a agente de saúde vai lá em casa direitinho. O meu irmão é especial e o pessoal leva remédio para ele, pega ele na Kombi de manhã e leva para exames.” (BH, ótimo/bom, 18 a 26, CD).

“Uma coisa que melhorou muito no Brasil foi a questão dos medicamentos. A Farmácia Popular. As pessoas hoje têm mais facilidade para pegar os remédios para quem tem diabetes, pressão alta. Isso é uma ajuda muito boa.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

Alguns exemplos de considerações críticas sobre a saúde no país:

“A população brasileira cresceu bastante, então os hospitais estão todos lotados, até mesmo particulares estão lotados por falta de médico.” (BH, ótimo/bom, 18 a 26, CD).

“A população aumentou e a saúde pública não tem verba suficiente.” (Salvador, ótimo/bom, 18 a 26, AB).

“Marcação de exames, sempre vejo pessoas falando que não conseguem ou, quando conseguem, demora muito. Vai morrer ali, sem exame. Eu passo às 5h da manhã ali no Irmã Dulce para ir para o meu trabalho e vejo filas enormes, que o pessoal madruga, dorme lá, para conseguir

uma ficha. Mas nem sempre consegue.” (Salvador, ruim/péssimo, 18 a 26, CD).

“Para o caos não falta muito, pois é só continuar definhando do jeito que está, só continuar sendo atendido no hospital e ver pessoas de idade jogadas no corredor, passando mal e gemendo de dor e ninguém fazendo nada.” (POA, regular, 18 a 26, CD).

7.1.2.2.1 O programa “Mais Médicos”

O programa **Mais Médicos** gera divergência de opiniões. Contrapondo-se aos mais críticos, parte dos entrevistados deposita na iniciativa sua esperança de melhora nos serviços de saúde pública. São citados como exemplos positivos que a iniciativa permite cobrir a demanda de médicos especialistas e que favorece regiões mais afastadas dos centros urbanos e com menos infraestrutura. Também há menções à alta qualidade da formação acadêmica dos médicos cubanos.

Do lado dos críticos, generaliza-se a ideia de que, sem infraestrutura nos postos de saúde e nos hospitais, de nada adianta aumentar o número de profissionais. Há quem veja desvalorização do médico brasileiro e reivindique melhores condições de trabalho aos profissionais do país para que eles estejam dispostos a abraçar a causa da saúde pública. Existem também os que politizam a questão, acreditando que os médicos cubanos desejam fugir do regime autoritário do seu país e por essa razão concordam em trabalhar aqui.

“Pode ser que vindo mais médicos melhore a estrutura. Mas os hospitais não tem estrutura... O médico não consegue trabalhar sem a estrutura necessária.” (SP, ruim/péssimo, 18 a 26, CD).

“O problema é que não tem investimento. Não tem equipamento. Não tem estrutura para o médico exercer as competências dele. Porque o médico do hospital particular não é mais competente que o da Santa Casa ou das Clínicas.” (SP, ótimo/bom, 35 a 50, AB1).

“Esse negócio de trazer mais médicos para o Brasil, vai ajudar muito. Em regiões e bairros mais distantes, os postos estão defasados de médicos. Isso está melhorando. Temos médicos qualificados no Brasil, mas eles não procuram...” (BH, regular, 35 a 50, CD).

7.1.2.3 Segurança Pública e Violência

Segurança pública deficiente e violência crescente são questões candentes, por motivarem sensação de insegurança e medo. A percepção predominante é de que ocorre uma constante piora – crimes ocorrendo mesmo à luz do dia, dentro e fora de casa. Dentre as causas da criminalidade, aponta-se a desigualdade social do país, a falta de oportunidades para todos e uma legislação ultrapassada e leniente.

As principais queixas se relacionam à percepção de haver pouco ou nenhum investimento na área: falta policiamento nas ruas (ou pelo menos de uma forma ostensiva e efetiva) e os presídios estão superlotados. Com frequência surgem críticas à impunidade dos

marginais e dos menores infratores, bem como se contesta a diminuição das penas, nos casos de bom comportamento. É comum a menção de que os policiais são omissos e ineficientes ao atender às demandas da população, seja ao fazer um boletim de ocorrência, seja no atendimento em caso de assaltos.

“Quando você precisa de uma viatura nunca tem.” (POA, ótimo/bom, 35 a 50, AB1)

Alguns afirmam ter medo dos próprios policiais, que seriam mal treinados, despreparados para abordagem e, algumas vezes, agem de forma agressiva e outras com intenção de extorquir. Por outro lado, mencionam a situação difícil dos policiais: trabalham com medo; sofrem com baixos salários; são obrigados a fazer “bico” para complementar a renda; não foram bem preparados; estão desmotivados; e, portanto, estão mais sujeitos a serem corrompidos.

Os entrevistados acreditam que, por trás desse panorama ruim da segurança pública, estão o consumo e tráfico de drogas – especialmente com a entrada do crack em todas as regiões do país – e a falta de investimento em ensino de qualidade. A diminuição da desigualdade social ajudaria a combater a criminalidade.

Os grupos têm queixas pontuais, especialmente quanto à situação de suas cidades. Em São Paulo, o fenômeno dos “rolezinhos” foi definido como a expressão do alastramento da criminalidade para os shoppings. Além disso, para parte dos entrevistados paulistas, as ações para eliminar a “cracolândia” somente pulverizaram a localização dos usuários, piorando sobremaneira as condições dos dependentes. Alguns apontaram a Lei Maria da Penha como sendo ineficiente.

Nos grupos de Porto Alegre, houve críticas às ruas e praças, que estariam sem manutenção, mal iluminadas, sujas e esburacadas. Para eles, isso agravaria ainda mais o problema de segurança, dando margem a uma sensação de descaso.

Em Belo Horizonte, falou-se em piora crescente da atuação da polícia mineira, que no passado recente já fora considerada modelo de conduta e eficiência. Já em Salvador, os entrevistados reclamaram de questões cotidianas como o perigo constante de andar nas orlas das praias, para se exercitar no período da noite.

“Além de ser mal pago o policial hoje trabalha com medo. Você trocou tiro com um bandido, se por ventura você matou o cara, você vai responder por isso. Os Direitos Humanos vem para cima.” (SP, regular, 35 a 50, AB1).

“Está muito violento... Tem dez dias que morreram cinco crianças.” (Salvador, ruim/péssimo, CD, 18 a 26).

“Qualquer lugar dá medo: banco, supermercado... Não tem hora nem local. No meu bairro (Jardim Itú) tem muito policiamento, mas não sei se é o que resolve. O apartamento debaixo do meu foi assaltado.” (POA, ruim/péssimo, 35 a 50, CD).

“Se você chama os policiais eles demoram uma hora para chegar. Você tem que relatar tudo para eles decidirem se vem ou não. E quando vem, não fazem nada.” (POA, ruim/péssimo, 15 a 26, AB1).

“As leis também não ajudam. Eles pegam um ladrão roubando hoje, levam para a delegacia e no dia seguinte ele está na rua roubando de novo.” (Salvador, ótimo/bom, 18 a 26, AB1).

“A falta de segurança nos faz ficar presos em casa. Às vezes dá aquela vontade de sair, mas o medo de não voltar bem te faz pensar ‘para quê eu vou sair se estou bem aqui dentro? Tem a vontade, mas o medo muitas vezes é maior que a vontade.’ (BH, ótimo/bom, 18 a 26, CD).

Apesar do tom crítico predominante, há reconhecimento, de algumas melhorias na área de segurança pública. Entrevistados mencionaram ter ocorrido aumento sensível do policiamento nas ruas, embora ainda seja visto como ineficiente. Outros veem ação mais efetiva da Guarda Municipal, ao estender sua atuação para além da ronda em porta da escola.

“Hoje a Guarda Municipal faz a ocorrência. Ela não fica só na porta de colégio.” (BH, regular, 35 a 50, AB1)

“Hoje, em alguns casos, em alguns locais mais pontuais, aumentaram sim (o policiamento)... Mas em relação à atitude não.” (BH, regular, 35 a 50, AB1).

7.1.2.4 Educação Pública

Uma **educação de qualidade** está entre as principais demandas dos entrevistados, sendo considerada a base de formação do cidadão. Embora não percebam melhorias significativas nesta área, também não consideram que a situação está piorando: a educação pública é problema antigo.

As principais queixas referem-se à má qualidade do ensino público. Para os entrevistados, isso seria resultado de uma metodologia ineficiente, da aprovação automática e de professores mal remunerados, desestimulados e desrespeitados por alunos.

Outro aspecto apontado é o ambiente escolar que não seria favorável ao aprendizado. A infraestrutura física é percebida como ruim, além de haver insegurança/violência dentro das próprias escolas, fatores que desmotivaria pais e alunos.

Também foi comentada a falta de seriedade das escolas devido às constantes ausências de professores e à baixa qualidade do ensino, o que desestimularia os alunos a continuarem seus estudos. Por conta disso, em alguns casos, os jovens tendem a se perder na criminalidade. Ainda como consequência da baixa qualidade do ensino, o aluno oriundo de escola pública acaba sendo pouco competitivo na disputa por uma vaga nas universidades públicas do país.

Algumas questões pontuais foram levantadas. Em Porto Alegre, falou-se que a greve dos professores é constante e acontece todos os anos. Além disso, faltam creches (em

número e qualidade) que atendam toda a população, o que impede mães de buscarem trabalho (tal queixa foi feita também em Belo Horizonte). Por fim, os gaúchos citam as aulas de educação física feitas separadamente das demais disciplinas, o que exige duplo deslocamento e obriga os jovens a passarem mais tempo nas ruas.

“Além de ser difícil conseguir a vaga, a creche também é precária. Você tem de levar tudo para o seu filho ficar lá. As pessoas que trabalham não estão qualificadas. Eu vejo coisas pavorosas!” (POA, ótimo/bom, 35 a 50, AB1).

“O ensino é péssimo. O aprendizado é fraco. Filho de pobre não passa em vestibular.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

“Mas tem a questão dos professores que não são bem pagos, não são motivados.” (Salvador, ruim/péssimo, 18 a 26, CD).

“Quanto mais você investir em escola, menos você vai investir em cadeia.” (SP, ótimo/bom, 18 a 26, AB1).

“Você chega ao nível superior sem base.” (Salvador, ótimo/bom, 18 a 26, AB1).

“Aí envolve a segurança. Numa escola, tanto pública quanto particular. O professor chega com medo... Na minha época, eu estudei em escola pública, não podia levantar um ‘a’ para o professor.” (SP, ótimo/bom, 18 a 26, AB1).

A educação pública do país recebeu algumas referências positivas. Conforme anteriormente mencionado, Programas como **Fies**, **Prouni**, **Sisu** e **Enem** são lembrados e reconhecidos – especialmente nos grupos de jovens – como uma ação eficaz do Governo Federal para incentivar e facilitar às classes menos favorecidas seu ingresso na educação superior.

Há percepções pontuais referentes a cada região. Em São Paulo, parcela dos adultos (35 a 50 anos) das classes CD, com filhos em idade escolar, considera a educação de base como boa e eficiente. Aprovam, ainda, as atividades complementares oferecidas.

Em Belo Horizonte, houve elogios ao aumento do número de escolas municipais e estaduais e à ampliação das UMEIs (Unidades Municipais de Educação Infantil). Em Porto Alegre, adultos do segmento CD aprovam o projeto de escola integral, que oferece aulas de reforço e atividades complementares como dança, informática, artesanato. Já o grupo de classes AB menciona as bolsas oferecidas por escolas particulares a alunos que não podem pagar por ela, incentivadas por abatimento de impostos.

7.1.2.5 Transporte Público

Quando o assunto é **transporte público**, a queixa generalizada nas praças e perfis investigados, com algumas exceções na cidade de São Paulo. Alguns defendem a necessidade de ampliação das linhas de ônibus, a fim de evitar que se tome mais de uma condução por trajeto. Além disso, há baixa quantidade de veículos circulando, o que

aumenta a espera nos pontos. A frota de ônibus é considerada antiga e pouco confortável, o que piora com a superlotação dos ônibus.

A superlotação do metrô é lembrada pelos entrevistados de São Paulo e de Belo Horizonte, que também apontam para a falta de linhas de metrô que atendam regiões periféricas das cidades. O preço elevado das passagens também merece críticas. Em Salvador, há muita reclamação pela não conclusão das obras do metrô.

Em São Paulo, há reconhecimento de melhorias no metrô, como a expansão das linhas, os carros mais modernos e confortáveis; a integração de passagens por meio do Bilhete Único / Estudante, o que diminui os gastos com transporte coletivo. Os paulistas aprovam a ampliação dos corredores de ônibus, mas não percebem mudança efetiva para o usuário, pois falta frota e há trânsito excessivo na cidade. Também há críticas à falta de consciência do cidadão que faz uso inadequado do transporte público. Entendem serem necessárias campanhas de conscientização.

Não obstante o tom crítico dos gaúchos, há aprovação ao aumento de estações de trem que levam às cidades metropolitanas como Novo Hamburgo. O tom negativo decorre, em grande medida, dos movimentos grevistas recentes – greve dos correios e a greve de 15 dias dos motoristas rodoviários – que dominaram os primeiros instantes da conversa em praticamente todos os grupos entrevistados.

Na visão dos participantes de Porto Alegre, o movimento trouxe mais caos para um trânsito que já se encontra complicado, causando excesso de carros nas vias. Consequentemente, obrigou passageiros a pagarem mais caro para fazer uso de vans clandestinas e ônibus escolares disponibilizados para o transporte coletivo. Algumas pessoas sofreram ameaças de demissão, por não conseguirem chegar ao trabalho. Apesar de empresas disponibilizarem vans para o transporte de seus funcionários, algumas fizeram em locais e horários inviáveis e perigosos. Os entrevistados, embora atestem as dificuldades que esta paralisação causou são favoráveis às reivindicações da classe, como reajuste salarial e melhores condições de trabalho.

Em Belo Horizonte, há expectativa de alguma melhora no transporte coletivo, em função das obras de implantação do sistema BRT. Contudo, a ausência de um metrô abrangente, atendendo a regiões diversificadas da cidade é a maior demanda dos beloizontinos em termos de transporte público. O metrô é considerado a solução mais apropriada para melhorar a mobilidade urbana na capital mineira.

“Criaram a faixa (corredor de ônibus), mas não aumentaram a frota de ônibus. Como também precisa aumentar a quantidade de trens da CPTM.” (SP, ótimo/bom, 18 a 26, AB1).

“Não tem se planejado, trabalhado a questão (do transporte) para os próximos anos, então isso só tem a se chocar cada vez mais, pois vai chegar a um ponto que vai se estrangular mesmo. Vai ficar o caos.” (Salvador, ótimo/bom, 35 a 50, CD).

“Se ao invés de eles investirem em incentivo para crédito na compra de carros, eles tivessem investido no transporte público de qualidade, talvez estaria melhor.” (BH, ruim/péssimo, 35 a 50, AB1).

“Quinze dias de greve, ficamos sem ônibus. Se deslocava com vans clandestinas ou lotações... (As empresas) queriam que os funcionários comparecessem ao trabalho, mas não tinha transporte. O hospital que eu trabalho botou as rotas, mas nenhuma servia para a mim, pois eles queriam que as 6h30m da manhã eu me deslocasse 04 quadras me arriscando a ser assaltada.” (POA, ruim/péssimo 35 a 50, CD).

7.1.2.6 Copa do Mundo

A **Copa do Mundo** sofre críticas nos grupos e classes entrevistadas, sendo diretamente associada às manifestações populares. Em toda a discussão, o megaevento vem espontaneamente à tona, sempre relacionado às áreas críticas de responsabilidade do poder público.

Embora a realização de um Mundial no país seja desejo de grande parte dos entrevistados, consideram que o Brasil não está preparado para um evento deste porte. Preferem que antes se invista em infraestrutura e áreas fundamentais que garantam qualidade de vida. Embora não pareça significativo para os grupos que o Brasil ganhe ou perca, eventual fracasso pode fortalecer o sentimento de frustração e de revolta na população.

“O exemplo do Brasil, é a mesma de se fazer um vestibular, passar, e não ter o segundo grau completo. Foi isso que o Brasil fez em relação à Copa”. (POA, ruim/péssimo, 35 a 50, CD).

Há reconhecimento de avanços na infraestrutura por conta das obras da Copa, de maior geração de empregos e dos estímulos ao turismo e ao comércio. Porém, consideram que:

- 1) São poucas as obras em andamento – desejam melhorias, sobretudo, em infraestrutura de hospitais e escolas;
- 2) Muitas não serão finalizadas até o evento e, portanto, postergadas ainda mais;
- 3) Não acreditam que o turismo e os recursos gerados serão revertidos para melhorar a qualidade de vida do brasileiro, mas que serão mais uma oportunidade para desvio de verbas.

Entendendo ser legítima a insatisfação com o evento, num momento em que o país precisa de investimentos básicos, é generalizada a percepção de que os brasileiros irão novamente às ruas, com manifestações mais intensas e participativas, devido à grande visibilidade internacional neste período, independente do resultado do Brasil nos jogos.

Já pelo **lado positivo**, há percepção de que a Copa do Mundo trará:

- Mais visibilidade externa ao país e, portanto, mais possibilidade de investimentos. Também é uma oportunidade para acabar com preconceitos

tais como o de que o “Brasil é uma selva, país que só tem favela, futebol e prostituição”. Ou seja, uma chance para mostrar a hospitalidade do brasileiro e os aspectos positivos do país.

- Melhor infraestrutura viária, favorecendo o deslocamento da população, seja dentro dos grandes centros urbanos, seja nas estradas do país.
- Mais empregos, especialmente na área de construção civil.

“Não sou a favor dos estádios, mas das outras obras sim, porque elas vão ser úteis para nós.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

De forma pontual, em Porto Alegre concentram-se críticas específicas às obras. São mencionados os seguintes problemas. As obras de viadutos e aeroportos estão atrasadas. O entorno do estádio Beira Rio está ainda sem infraestrutura – região sujeita é a constantes alagamentos. A vizinhança do estádio Arena é muito insegura, favorecendo a ocorrência de assaltos. É considerada uma obra desnecessária, o aeromóvel que ligaria o aeroporto à estação de trem, tendo apenas 1 km de extensão.

“Eram obras para a Copa e já vimos que várias não vão ficar prontas. Enquanto isso, tranca o trânsito. Depois da Copa vai demorar ainda mais (para finalizar) porque não vai ter mais motivo para correr.” (POA, ruim/péssimo, 18 a 26, AB1).

“Vai ter mais (manifestação) com certeza! Pois vai estar todo mundo voltado com a atenção para o Brasil... Então o governo vai ser obrigado a tomar uma atitude rápida e fazer o que o povo esta pedindo.” (POA, regular, 18 a 26, CD).

“Eu acho que vai ficar feio para a gente quando todo mundo chegar aqui. Quando falaram (que a Copa seria no Brasil) eu até gostei. Mas depois, vendo como está o metrô agora, eu acho que vai pegar muito mal para a gente.” (SP, ótimo/bom, 18 a 26, AB1).

“Antigamente a gente ouvia o governo falando que não havia verba. Foi só pintar a Copa que apareceu verba para tudo quanto é coisa. Para saúde e educação não investiram nada.” (SP, ótimo/bom, 35 a 50, AB1).

7.1.2.7 Outras críticas recorrentes

Desvios de verbas, cobrança alta de impostos da população, excesso de carga tributária sobre as empresas e impunidade da classe política são vistos pelos entrevistados como os maiores responsáveis pela falta de investimentos nas áreas sob a responsabilidade do poder público. Consequentemente, são percebidos como fatores que impedem o aumento da qualidade de vida do cidadão brasileiro. Na opinião dos entrevistados, tais problemas, em conjunto, acabam por retrair a economia, afugentar investimentos, comprimir empresas e comércio, encarecendo produtos e serviços, o que sobrecarrega especialmente a classe média.

“Às vezes seu salário bruto é bonito. Depois dos descontos é uma indignação”. (POA, ótimo/bom, 35 a 50, AB1).

“Hoje, se você for um pequeno empresário, o nosso sócio, que é o governo, ele leva muito mais que a gente. Ele é um sócio majoritário.” (SP, regular, 35 a 50, AB1).

“Não é nada de graça, tudo a gente paga, pois pagamos impostos e não estamos recebendo... Eu acho que isso foi que fez a população ir para a rua, pois como sediar a Copa do Mundo com tudo isto que está acontecendo de errado?” (POA, regular, 18 a 26, CD).

“Acho que se fosse caro, mas tivesse retorno, tudo bem. Só que a gente paga imposto e não tem saúde, transporte...” (SP, 18 a 26, ruim/péssimo, CD).

As manifestações, os protestos e as greves são considerados reivindicações legítimas, se executados de maneira pacífica, já que resultariam da insatisfação e revolta do cidadão com essa realidade. Ressalta-se, porém, a aversão aos protestos violentos, pontualmente considerados como sendo feitos a mando de políticos.

Há menções ao fato de os tributos cobrados serem recursos direcionados aos Programas Sociais promovidos pelo governo. Entretanto, são também considerados por parcela dos entrevistados como fonte para desvios de verbas.

Há uma ideia geral de que aumentam, cada vez mais, os escândalos envolvendo todas as esferas governamentais. Tal percepção é atribuída tanto à mídia, que cumpriria o compromisso de divulgar a realidade dos bastidores governamentais, quanto à população, que estaria menos leniente, mais desperta e consciente de sua cidadania, graças ao melhor acesso à informação – sobretudo internet e redes sociais. Pequena parcela dos entrevistados, no entanto, afirma que desvios de verbas estão mais evidentes devido à crescente falta de temor dos governantes em serem punidos.

7.2 O Futuro do País

Os olhares para o futuro próximo são pouco otimistas. A desaceleração do crescimento do Brasil começa a ser sentida no momento atual. O país, que há poucos anos se encontrava em desenvolvimento rápido, segundo os entrevistados, agora parece caminhar a passos mais lentos. No contexto discutido, em geral, fica um senso de pouca esperança e a impressão de que a tendência é piorar.

A perspectiva dos entrevistados é de que poderá haver a eclosão de uma crise financeira, que já rondaria os brasileiros. Acreditam numa ressaca pós-copa, com a expectativa de que o país fique estagnado ou até mesmo sofra retrocesso.

“Eu tenho medo do pós Copa. Eu acho que tem muita coisa escondida em termos de valores e isso vai fazer um ‘boom’ alguma hora.” (POA, ótimo/bom, 35 a 50, AB1).

“Vai ter a Copa e vai ter muito gasto. Vão começar a cair na questão econômica do Brasil. Vai entrando na crise.” (SP, ruim/péssimo, 18 a 26, CD).

“Vai piorar bastante quando terminar a Copa, pois vai vir a inflação, que não está desaparecida, mas que ninguém fala. Tudo vai subir e daí o povo vai para as ruas”. (POA, ruim/péssimo, 35 a 50, CD).

Como contraponto a essa perspectiva negativa, os entrevistados mencionam que o cidadão, pouco a pouco, tem mais conhecimento dos seus direitos e da força que tem nas mãos, encontrando-se menos acomodado à situação política e econômica do país. Acreditam que o povo tende a ser cada vez menos tolerante com a improbidade na administração pública, em todas as esferas.

As classes CD tendem a ser mais otimistas. Em Belo Horizonte, por exemplo, os entrevistados acreditam que o país irá melhorar, seja porque haverá mais manifestações pelo país, levando governantes a se esforçarem para atender às demandas da população, seja porque o país está no rumo certo, evoluindo em algumas áreas, como infraestrutura, saúde e oferta de empregos. Consideram que a tendência é aprimorar o código penal e, conseqüentemente, melhorar a segurança, que é um ponto nevrálgico, bem como acreditam que a política será mais transparente e menos corrompida.

“Com as manifestações que estão acontecendo aí, a tendência é acontecer mais melhorias. É a expectativa que a gente tem para daqui 2, 3 anos.” (BH, ótimo/bom, 18 a 26, CD).

“Eu vejo melhorias porque vai ter mais manifestações por causa das insatisfações do povo. Vai ter mais segurança. Vai ter mudança na impunidade. Com certeza. Pior do que está, não fica.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

“Pelos obras, vai ter mais mobilidade urbana no Brasil porque está tendo obra em tudo quanto é lugar” (BH, regular, 35 a 50, CD).

No grupo de Salvador, existe alguma crença de que o Brasil poderá em dois anos colher os frutos do pré-sal, além da perspectiva de um barateamento da gasolina. Esses fatores, para os entrevistados, teriam um impacto positivo sobre a economia.

“Eu espero o pré-sal funcionando, a gasolina mais barata.” (Salvador, ótimo/bom, 18 a 25, AB).

Quanto ao futuro almejado, busca-se maior qualidade de vida, envolvendo todas as áreas públicas. Os participantes da pesquisa compreendem que para melhorar a educação básica, por exemplo, precisaria ao menos uma década. Portanto, pensando no curto prazo, parece consistente entre os entrevistados a expectativa de que o governo venha a reduzir impostos, incentivar o desenvolvimento do país, promover uma reforma política com vistas a diminuir a corrupção, e fazer com que a justiça funcione, encarcerando os criminosos, sejam pobres, sejam ricos.

Desejam, ainda, que haja mais investimentos – eficazes e eficientes – na tríade saúde, segurança e educação, ainda que para colher seus frutos leve-se tempo. Em menor proporção, demandam a melhoria, de preferência imediata, na mobilidade urbana, garantindo um cotidiano com melhor qualidade de vida à população.

Dentre os anseios manifestados de uma maneira geral e consistente entre os entrevistados dos diferentes perfis e praças, destacam-se:

- Reestruturar o ensino público de base e criar creches;
- Melhorar infraestrutura de saúde (hospitais e postos) e contratar médicos especialistas;
- Alterar a legislação penal e garantir menor impunidade aos criminosos;
- Aumentar o poder aquisitivo, por meio de diminuição de impostos, reajuste salarial e controle da inflação;
- Reduzir tributos aos empresários, gerando mais e melhores empregos;
- Combater a desigualdade social.

“Eu quero acabar com a história de eu ter que escolher as coisas... Pois se for para a praia, não pago as contas, se pago as contas não vou para a praia.” (POA, regular, 18 a 26, CD).

“Saúde, Educação e segurança são o topo da lista.” (BH, ótimo/bom, 18 a 26, CD).

“É investir em cada aluno desde o princípio, do fundamental, e não apenas só nas faculdades. Tem que ter um bom acesso as faculdades, mas daí chega lá despreparado. Vai ter muita dificuldade. Se tiver um investimento no ensino fundamental, vai ter uma base construída.” (SP, ruim/péssimo, 18 a 26, CD).

“Menos violência e rever o código penal.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

7.3 Obras Públicas

Quando se debate o tema “obras” e as perspectivas de investimentos, é uma tendência entre os grupos pesquisados que as primeiras referências sejam feitas à Copa do Mundo. Apontam como principais evidências a construção de estádios e aeroportos, as obras na malha viária do país, inclusas as de reestruturação do trânsito e mobilidade urbana, como duplicação de avenidas, corredor de ônibus e construção de viadutos. Mas há o temor de que as obras não fiquem prontas a tempo da Copa e, conseqüentemente, deixem de ser prioridades – não sejam concluídas.

Com exceção da construção de estádios, as demais obras parecem mais relevantes para os entrevistados, pois representam desenvolvimento econômico por meio da atração de empresas e geração de empregos, e melhoria na qualidade de vida. No entanto, ainda mais importantes e com maior impacto sobre a vida do brasileiro, são as obras relacionadas à saúde pública – construção de hospitais e postos de saúde. Menos citadas, mas também relevantes, estão as de segurança pública, como investimentos em mais e melhores presídios.

Cada praça pesquisada tem uma perspectiva própria. Em Belo Horizonte, foram mencionadas obras em andamento como a implantação dos ônibus BRT; a liberação de verba para a duplicação da BR381; o Projeto do Rodoanel; e o Projeto de ampliação do metrô.

Na cidade de São Paulo, dentre as iniciativas em desenvolvimento, houve citações ao Monotrilho, ao recapeamento da Castelo Branco e da rodovia dos Bandeirantes. Como demandas, falou-se na revitalização de praças públicas e prédios antigos, e até em se colocar mais lixeiras na cidade.

Em Porto Alegre, foram exemplificados como obras em andamento o viaduto da rodoviária; os corredores de ônibus; e o aeromóvel – este pouco aprovado pelos entrevistados. As demandas concentraram-se na implantação do metrô na capital gaúcha.

Já em Salvador houve mais menções a demandas da população. Saneamento básico e calçamento das ruas foram as principais solicitações, além do problema do metrô da capital.

Embora haja certa resistência aos programas sociais – mais especificamente ao formato do Bolsa Família – e ainda que exista tendência em afirmar que obras de infraestrutura impactam mais na vida de todos os cidadãos, é bem equilibrada, entre os públicos, a percepção da relevância de se manter investimentos em ambas as áreas.

Programas Sociais representam erradicação da miséria, transferência de renda, diminuição da desigualdade e ascensão social das classes marginalizadas. Por sua vez, fazer obras, melhorando a infraestrutura, é garantir a crescente qualidade de vida de todos os cidadãos. A pesquisa mostra ser necessário equilibrar os investimentos, buscando um termômetro ideal e satisfatório em termos de aplicação de recursos no futuro próximo.

“A duplicação da BR 381 foi uma coisa que saiu do papel, isso vai acontecer.” (BH, ruim/péssimo, 35 a 50, AB1).

“Se isso de concretizar (as obras da Copa), vai ser nosso, pois vamos poder usufruir do dinheiro que nós mesmos pagamos, mas são poucas coisas.” (POA, regular, 18 a 25, CD).

“Pelos obras, vai ter mais mobilidade urbana no Brasil porque está tendo obra em tudo quanto é lugar.” (BH, regular, 35 a 50, CD).

“Com uma boa gestão, se consegue fazer tudo, é só diminuir a corrupção.” (Salvador, regular, 35 a 50, CD).

“É um pacote, não tem como excluir um do outro, pois tem que caminhar em paralelo (Programas Sociais x Obras).” (POA, ruim/péssimo, 35 a 50, CD).

8 Conclusões / Considerações Finais

- A conjuntura brasileira, na percepção dos entrevistados, apresenta um país que carece urgentemente de mais investimentos em áreas sob responsabilidade do poder público em suas diferentes instâncias, especialmente aquelas que afetam diretamente a vida do cidadão: saúde, educação, segurança. A insatisfação diante desses três aspectos é significativa e generalizada entre os entrevistados.
- Há reconhecimento geral de que avanços também foram alcançados, como a sensível diminuição da desigualdade social, por meio da geração de empregos, do aumento de poder de compra, dos programas sociais e da facilidade de crédito.
- No entanto, o achatamento do salário e o fantasma da inflação são aspectos que começam a serem sentidos, de algum tempo para agora, o que traz a percepção de que ocorre uma desaceleração econômica do país.
- Diante de um período de grandes conquistas, onde alguns deixaram a linha da miséria e outros avançaram na escala social, percebe-se que a expectativa do brasileiro tende sempre a aumentar: a busca agora é por melhorias constantes na qualidade de vida e por um cuidado maior do poder público em relação à população.
- É por essa razão, portanto, que a conjuntura atual incomoda tanto: não há necessariamente um medo de retrocesso ou de perda do que já foi conquistado. Mas a dificuldade de avançar, de alcançar os objetivos, de evoluir ainda mais na escala social, vem gerando frustração e descrença em relação ao poder público. Especificamente com relação à Copa do Mundo, percebe-se uma população insatisfeita com os gastos da Copa, cada vez menos tolerante com a improbidade administrativa e o mau uso do dinheiro público. São situações como essas que, para os entrevistados, adiam novas conquistas e uma melhor qualidade de vida. As expectativas do pós Copa, portanto, representam exatamente esse momento de certa paralisia, de temor que venha inflação e baixo crescimento.
- Diante de toda a discussão, na percepção dos entrevistados, alguns temas marcaram mais a atuação do Governo Federal: a geração de empregos, o combate à miséria, a persistência da inflação, as manifestações de 2013, o megaevento (Copa de 2014) e uma sensação de continuidade.

9 Recomendações

- Tendo este projeto o objetivo de orientar a SECOM quanto ao desenvolvimento da comunicação para a população, parece relevante ressaltar os aspectos que mais afetam positivamente a vida do cidadão brasileiro: o aumento da oferta de empregos; a melhoria do poder aquisitivo dos menos favorecidos; e as conquistas da população carente por meio dos programas sociais.
- Entretanto, cumpre esclarecer o papel e o funcionamento efetivo dos programas sociais, uma vez que há razoável resistência em relação a eles, especialmente quanto ao formato do Bolsa Família. Tornar mais clara, firme e direta a informação pode gerar maior mobilização do povo em defesa da iniciativa.
- É preciso reforçar a comunicação sobre o que o governo tem feito – inclusive quanto ao equilíbrio das contas públicas – para diminuir os efeitos da carestia sobre o bolso dos brasileiros, revertendo expectativas pessimistas.
- Sobressai, como recurso importante, melhorar a comunicação sobre os investimentos feitos nas áreas de saúde, educação e segurança. Repensar o formato, colocando o povo como ator principal, aproximando o diálogo e convidando o cidadão a observar, no seu cotidiano, o que tem mudado na sua vida, notadamente em áreas mais críticas, pode ajudar a reflexão sobre os avanços, valorizando as conquistas ocorridas.
- Trabalhar a comunicação em torno da Copa do Mundo, reforçando os aspectos que terão impacto positivo imediato na vida do brasileiro é relevante para quebrar as resistências. É preciso esclarecer os ganhos do cidadão em termos de infraestrutura, inclusive com os investimentos privados, os benefícios decorrentes do aquecimento do turismo (contato com outras culturas, oportunidades de trabalho, renda gerada). É importante aproximar-se do ponto de vista do povo, neste discurso, uma vez que ele sente-se desconectado e excluído do megaevento, que não se resume a partidas de futebol. Portanto, parece relevante convidá-lo a participar ativamente, ressaltando as características que são identificadoras do povo brasileiro: a hospitalidade, a simpatia, o calor humano, a alegria e o sorriso no rosto, a garra e a força de sempre lutar, dentre outros traços diferenciais positivos que somente ele pode trazer para o evento.

Anexo I – Roteiro

Roteiro – Projeto Conjuntura Brasileira

1. INTRODUÇÃO – 10 minutos

- Apresentação da dinâmica, importância da participação, papel do moderador.
- Breve apresentação dos participantes: nome, composição familiar (casado/solteiro, filhos), profissão /o que faz, hábitos de lazer.

2. CONJUNTURA SOCIOECONÔMICA ATUAL – 35 MINUTOS

- Gostaria de começar a nossa conversa perguntando como está a vida de vocês hoje?
- Quero que me digam uma coisa boa, legal que está acontecendo em suas vidas e uma coisa que é um problema, que preocupa vocês. (Apontar facilidades/dificuldades)
- Qual é a melhor parte de viver no Brasil hoje em dia? E o que não é bom, que deveria ser melhorado para as pessoas viverem melhor aqui? Por quê?
- Em relação às coisas boas / ruins, a quem / ao que vocês atribuem isso? Por que essas coisas boas / ruins estão acontecendo? (Entender se diferenciam Governo Federal/ Estadual / Municipal / Governo Atual ou Passado).
- Na opinião de vocês, teve alguma coisa / área na qual o Brasil melhorou nos últimos anos? Se sim, em qual / quais? Por que acham isso? (explorar pedindo exemplos).
- Tem alguma coisa / área no Brasil que piorou nos últimos anos? Se sim, o que? Por que acham que isso aconteceu?
- Pensando em diversas áreas que englobam a vida de vocês, quero entender o que está melhor / pior / igual e como vocês avaliam as políticas para essas áreas. (Explorar: Saúde, Educação, Segurança, Inflação, Emprego, Salário / Poder de Compra)
- Sobre o emprego no Brasil: Como está o emprego no Brasil? Há empregos para todo mundo? O que é preciso fazer nesta área? Você quer mudar de emprego? Por quê? O que o governo deveria fazer para que você tivesse acesso a um emprego melhor?
- Socialmente, o Brasil está melhor ou pior? Por quê? (se necessário, explorar se percebem o Brasil como um país mais justo ou menos justo, com mais ou menos pobreza).

3. HISTÓRIA RECENTE DO PAÍS – 30 MINUTOS

- Agora vamos tentar contar a história recente do Brasil. Imaginem que vocês querem contar o que aconteceu no país para um amigo que passou um ano fora.
 - Como vocês diriam que é viver no Brasil?
 - Como é a vida do brasileiro?

- Quais mudanças aconteceram na vida de vocês e no país?
- Quais foram os avanços durante esse período? O que melhorou?
- Houve retrocesso? O que piorou?
- Desde de 2011, o que aconteceu no Brasil? O que foi bom / ruim?
- E o que o Governo Federal promoveu para o seu Estado nos últimos anos? De bom e de ruim?
- Atendeu às expectativas de vocês, lembrando de tudo que mencionaram / de tudo que esperavam?
- Superou? Decepcionou?
- Você acha que o governo federal tem acertado mais ou errado mais?
- O que falta neste governo?
- Qual ação que vocês consideram que marcou este governo?
- Qual é o balanço geral que fazem do governo atual? Por quê?
- Quais sentimentos que nutrem pelo governo hoje? É o mesmo de antes de começar este mandato? É diferente?

4. O FUTURO DO PAÍS – 20 MINUTOS

- Agora vamos falar de futuro. Do futuro que vocês enxergam e não do futuro que vocês desejam.
 - Quando vocês olham para o futuro do Brasil, daqui uns 2 anos, o que vocês enxergam de uma maneira geral?
 - Como é esse futuro? É um futuro bom, melhor do que hoje, pior do que hoje / igual? (Entender se as razões das respostas estão ligadas a aspectos sociais [violência, segurança, saúde, educação] ou econômicos [inflação, empregos]).
 - E agora sim, esse futuro que vocês enxergam é o mesmo que vocês desejariam pra vocês e para o país?
 - Como é o futuro que vocês desejam pra o Brasil? (Explorar: Saúde, Educação, Segurança, Inflação, Emprego, Salário / Poder de Compra).
 - Quais devem ser as prioridades desses governantes?
 - Nesse futuro, como são os governantes do país? Como se comportam?

- Eles são diferentes dos governantes de hoje? Se sim, em quais aspectos?
- Existe alguma liderança política no país / seu estado / município que se aproxime desse perfil que você deseja? Quais? Por quê? O que essa liderança tem / faz que se destaca?
- O que vocês acham que o Governo Federal deve fazer para que viver no Brasil nos próximos anos seja melhor? Por que pensam assim? (Entender razões das demandas).

5. OBRAS – 10 MINUTOS

- Você acha que o Brasil, o seu estado e a sua cidade precisam de obras?
- Estão acontecendo obras? Quais?
- Elas são importantes? Para que?
- São necessárias mais obras? Quais?
- O que é mais importante, fazer mais obras que ajudem o desenvolvimento econômico ou investir mais em coisas como o Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida?

6. FECHAMENTO – 10 MINUTOS

- Depois de tudo o que foi falado aqui, qual seria o conselho ou recomendação que vocês dariam ao governo de uma maneira geral?

Agradeça e encerre.

Anexo II – Cronograma e Perfil – DG's

		CLASSE	IDADE	AVALIAÇÃO DO GOVERNO	DATA	HORÁRIO
SE	SÃO PAULO	CD	18 a 26	RUIM/PÉSSIMO	10/fev	18:30
		CD	35 a 50	ÓTIMO/BOM	10/fev	20:30
		AB1	35 a 50	REGULAR	11/fev	18:30
		AB1	18 a 26	ÓTIMO/BOM	11/fev	20:30
	BELO HORIZONTE	AB1	18 a 26	REGULAR	12/fev	18:30
		AB1	35 a 50	RUIM/PÉSSIMO	12/fev	20:30
		CD	18 a 26	ÓTIMO/BOM	13/fev	18:30
		CD	35 a 50	REGULAR	13/fev	20:30
S	PORTO ALEGRE	AB1	18 a 26	RUIM/PÉSSIMO	17/fev	18:30
		AB1	35 a 50	ÓTIMO/BOM	17/fev	20:30
		CD	18 a 26	REGULAR	18/fev	18:30
		CD	35 a 50	RUIM/PÉSSIMO	18/fev	20:30
NE	SALVADOR	AB1	18 a 26	ÓTIMO/BOM	19/fev	18:30
		AB1	35 a 50	REGULAR	19/fev	20:30
		CD	18 a 26	RUIM/PÉSSIMO	20/fev	18:30
		CD	35 a 50	ÓTIMO/BOM	20/fev	20:30